A Mineiridade de Helena

Simon Schwartzman

Comentário a Helena Bomeny, *Mineiridade dos Modernistas: A República dos Mineiros*, tese de doutorado, IUPERJ, 1991

Na introdução à sua tese, Helena Bomeny agradece a "sinceridade e imparcialidade" com que acompanhei sua elaboração nestes últimos anos. Gostaria de começar protestando pela "imparcialidade", que nunca existiu. Muito além de uma grande amizade, sempre apostei em seu projeto, convencido de que seria uma contribuição importante para o entendimento desta coisa indefinível que é a "mineiridade", e que faz parte da identidade de cada um de nós, mineiros autênticos, como José Murilo de Carvalho, Elisa Reis e Silviano Santiago; acidentais, como eu; honorários, como Helena; ou de espírito, como Otávio Velho. Ao ver agora o produto acabado, não tenho nenhuma dúvida que ela realmente avança, não só no entendimento de um fenômeno por natureza escorregadio e cuja própria existência poderia ser discutível, e na maneira de tratá-lo, mas principalmente no relacionamento que Helena estabelece, de forma convincente, entre os rapazes belorizontinos dos anos 20 e as grandes questões que o Brasil enfrenta às portas do segundo milênio.

Para mim, o ponto central da tese é a vinculação que Helena consegue estabelecer entre o modernistas mineiros dos anos 20 e a questão mais geral do modernismo na passagem do século, por um lado, e as diferentes possibilidades e alternativas de modernização da sociedade brasileira, por outro. Com todas as suas limitações, a criação de Belo Horizonte não deixa de fazer parte do otimismo modernizador do "fin-de-siècle" europeu, com a crença na vitória da razão, da ciência e da tecnologia, e suas expressões no urbanismo, na arquitetura, nas artes e na literatura. Da mesma forma que na Europa, o modernismo não tinha somente esta cara, mas também a da revolta contra estas tendências, que ganharam forma na valorização do qualitativo, do intuitivo, do nativo, e mesmo do irracional. Helena mostra como estas tensões surgiam nas discussões entre Mário e Carlos Drummond de Andrade, no contraste entre o grupo Estrela e o Leite Criôlo, e mesmo no contraste, somente sugerido, entre o tipo de literatura desenvolvido no ambiente belorizontino, de vocação universalista, e a literatura "regional" típica da região nordestina.

Se Belo Horizonte foi suficientemente "moderna" para dar espaço a estes movimentos, permaneceu demasiado tradicional, ou "oriental", para que eles realmente amadurecessem e dessem frutos. A mudança para o Rio era o caminho natural, e o Estado Novo abriu a porta para um voo mais alto, no espaço proporcionado pelo Ministério da Educação. É aqui que se dá, me parece, a principal contribuição da tese, ou seja, no contraste entre as diferentes possibilidades do modernismo, aquela que foi levada à frente no

projeto educacional de Capanema, e tudo aquilo que o cercou em termos de arquitetura e arte, e o projeto abortado de João Pinheiro.

A descoberta de João Pinheiro como a proponente de um projeto educacional alternativo, mais pragmático, mais realista, mais ligado à realidade do trabalho, me parece de grande atualidade, em vista do impasse a que o sistema educacional montado pelo grupo de Capanema desde os anos 30 levou o país. Seria um exagero debitar a este sistema educacional, com exclusividade, as causas de nosso atraso, mas talvez não tenhamos ainda avaliado o preço que ainda pagamos pela centralização, formalismo, pobreza de conteúdo e conservadorismo pedagógico que terminaram por prevalecer naqueles anos, que fizeram da educação brasileira uma vasta burocracia inoperante, e sufocaram no nascedouro tentativas anteriores que poderiam ter levado à criação de um sistema educacional mais pluralista, flexível e criativo, a partir das iniciativas estaduais dos anos 20, dos movimentos educacionais dos imigrantes no sul, e de ideias e projetos como os de João Pinheiro. Ainda que isto não passe, a rigor, de um exercício de raciocínio contra-factual - como o Brasil seria hoje se o passado tivesse sido diferente do que ele foi - ele ajuda a mostrar que existem outras possibilidades sobre as quais trabalhar, não somente na experiência de outros países, mas inclusive nos desvãos de nosso próprio passado.

Helena explora bem esta derivação do modernismo na questão educacional, buscando um vínculo poucas vezes examinado, e se aproximando, com alguma cautela, do tema espinhoso da proximidade entre o progressismo dos intelectuais modernistas e o autoritarismo retrógrado da educação dos anos 30. O ponto de união, mais importante do que eventuais amizades, lealdades pessoais ou meras capitulações, parece ter sido o fascínio que exercia sobre todos o projeto grandioso de construção de um Estado racional, industrializado, com instituições capazes de chegar com eficiência a cada cidadão, amante da cultura e das artes, mesmo que fosse um caminho tortuoso, passando pela repressão, pelo autoritarismo e por flertes com o fascismo.

O que Helena explora menos são as derivações do modernismo mineiro no próprio âmbito das artes e da estética, e sobretudo na arquitetura. O modernismo estadonovista abraçou, no princípio sem grande entusiasmo, a arquitetura monumental-funcionalista que começa no prédio do Ministério da Educação, se consolida no projeto da Pampulha, atinge seu apogeu com Brasília, e chega ao seu paroxismo com o Memorial da América Latina em São Paulo e os caixotes dos CIEPS no Rio de Janeiro. O que esta estética do moderno produziu, em relação à década de 30, foi a escamoteação dos aspectos mais retrógrados daqueles anos, graças a uma auréola de cultura e progressismo que se vem da arte e acaba por esconder todo o resto. O mesmo efeito ainda se produz hoje, o mesmo casamento entre cultura, bons sentimentos, arquitetura monumental e projetos grandiloquentes e vazios de educação. Como ser contra a funcionalidade, a solidariedade com a América Latina, a educação de nossas criancinhas? Helena nos mostra que existem outras possibilidades, e esta é, em uma palavra, sua grande contribuição.

Para o leitor não especializado, e mesmo para este, pode ser difícil distinguir com clareza os aspectos mais centrais da contribuição de Helena, perdida às vezes em meio a discussões conceituais e metodológicas

bastante complexas, e a um número enorme de citações e referências a autores mais ou menos conhecidos. Eu creio que a utilização que faz Helena da abordagem Weberiana é muito apropriada, e por três razões principais. Primeiro, porque Weber ajuda a entender as tensões e dilemas inerentes ao processo de racionalização nas sociedades modernas, tanto pela "jaula de ferro" da burocracia e do capitalismo, como pela tensão que resulta da supressão dos elementos românticos e emocionais neste processo, e que se revela no dilema entre o barroco e o clássico, que Helena discute. Segundo, pela recuperação dos conceitos de cidade oriental e ocidental, que colocam toda a questão da modernidade de Belo Horizonte, e do Brasil como um todo, em uma perspectiva analítica extremamente rica e sugestiva. E, finalmente, pela possibilidade que Weber permite de superar a falsa dicotomia entre "ciência" e "cultura", a interpretação da ficção e as ciências sociais, um dilema que em um certo momento pode ter parecido à Helena uma pedra quase intransponível.

O resto talvez possa ser atribuído a uma idéia, que não comparto, do que deve ser uma tese de doutoramento - algo a ser defendido de ataques de todos os lados, inimigos reais e imaginários (sobretudo estes) com a artilharia mais pesada possível de autores, questões e referências. Se eu posso formular uma crítica, é que, ao tratar de se cobrir por tantos lados, Helena acaba se expondo mais do que o necessário. Eu talvez pudesse escolher algumas destas questões conceituais e metodológicas mais gerais para esmiuçar e discutir. Isto, no entanto, seria derivar justamente para os aspectos menos importantes da tese de Helena, ainda que muitos deles tenham lhe custado um muito trabalho e maiores incertezas.

Eu não tenho, propriamente, questões a serem dirigidas à Helena, a não uma, bastante genérica, que é a de se ela crê que minha leitura de seu texto é correta, ou se existem coisas importantes que entendi mal, ou que me escaparam.

Rio, 11 de outubro de 1991.